



Autoria e apocrifia nos albores da época moderna: o caso das primeiras notícias impressas sobre o Novo Mundo

MARILIA DE AZAMBUJA RIBEIRO MACHEL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO 

CLIO: REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA

Dossiê: *Fake News* na época moderna

Recife, v. 41, n. 2 (Jul-Dez), 2023, pp. 107-137.

<https://doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2023.41.2.05>

e-ISSN: 2525-5649





Autoria e apocrifia nos albores da Época Moderna: o caso das primeiras notícias impressas sobre o Novo Mundo

Resumo: Este artigo procura refletir sobre autoria e apocrifia a partir do estudo das primeiras cartas-notícias publicadas na Europa contendo informações sobre o continente americano. Atribuídas a Cristóvão Colombo e a Américo Vespúcio, essas cartas fazem parte de um grupo específico de impressos de caráter noticioso que vieram a lume logo após a implantação da imprensa de tipos móveis no continente europeu e marcam a própria afirmação da notícia enquanto gênero tipográfico. Nesse contexto cultural, em que emendas, rearranjos e interpolações são práticas correntemente adotadas por tradutores e editores na construção de um produto editorial, pensar nos processos histórico-políticos por trás da publicação de opúsculos de caráter noticioso, impressos cujo texto se constitui originalmente através de uma ou mais interlocuções, nos parece oferecer uma importante chave de interpretação para o problema da relação texto-autor na Época Moderna.

Palavras-chave: notícias; autoria; apocrifia; Cristóvão Colombo; Américo Vespúcio.

Authorship and apocryphy in the dawn of the Modern Era: the case of the first printed news about the New World

Abstract: This article seeks to reflect on authorship and apocrypha through the study of the earliest newsletters published in Europe containing information about the American continent. Attributed to Christopher Columbus and Amerigo Vespucci, these letters are part of a specific group of news-oriented prints that emerged shortly after the introduction of movable type printing in Europe, marking the birth of news as a typographic genre. In this cultural context, where amendments, rearrangements, and interpolations are commonly adopted practices by translators and editors in constructing an editorial product, considering the historical-political processes behind the publication of news pamphlets, prints whose text originally forms through one or more interlocutions, seems to provide an important key to interpreting the issue of the text-author relationship in the Early Modern Era.

Keywords: news; authorship; apocrypha; Christopher Columbus; Amerigo Vespucci.

Autoria e apocrifia nos albores da época moderna: o caso das primeiras notícias impressas sobre o Novo Mundo

MARILIA DE AZAMBUJA RIBEIRO MACHEL

A chegada da expedição de Cristóvão Colombo na ilha de São Salvador nas Bahamas, em 1492, e o desembarque da frota de Pedro Álvares Cabral no litoral do Bahia, em 1500, encontram-se na origem de dois processos distintos, ainda que complementares, que ocorreram em paralelo ao longo de toda a época moderna: de um lado, a conquista e a colonização dos espaços ibero-americanos, do outro, a aquisição de um conhecimento empírico e teórico-científico acerca da geografia e da etnografia do continente americano¹.

Fundamental para esse segundo processo foi a circulação de escritos contendo informações sobre essas terras e esses povos, até então desconhecidos para os europeus. As primeiras narrativas sobre as Américas foram divulgadas por meio de cartas e relatos de caráter noticioso que passaram a circular na Europa, em forma manuscrita e impressa, a partir de 1493. Neste capítulo nos debruçaremos somente sobre as primeiras dessas notícias: da dita *Carta a Santángel*, supostamente escrita por Colombo, até a publicação de duas cartas atribuídas a Américo Vespúcio, entre 1504 e 1505.

A ‘Carta a Santángel’, um falso de chancelaria?

Carta a Santángel é o nome com que a historiografia denomina a epístola que teria sido escrita por Colombo a Luís de Santángel – secretário de finanças (*Escribano de Racion*) dos Reis Católicos e apoiador de Colombo junto à corte hispânica –, em março de 1493, para relatar o sucesso de sua primeira viagem transatlântica e as principais etapas de sua expedição.

¹ Ilaria Luzzana Caraci, “Per lasciare di me qualche fama”. Vita e viaggi di Amerigo Vespucci, Roma: Viella, 2007, pp. 57- 59

Tal missiva se tornaria a primeira carta-notícia sobre as “Índias” a ser publicada na Europa². Foi impressa pela primeira vez em Barcelona, ainda em 1493, pelo clérigo Pedro Posa³, no formato de um opúsculo de duas folhas *in folio*, impresso frente e verso, com caracteres góticos e sem ilustrações. Diferentemente do que sustentavam as teses mais tradicionais – que atribuíam ao próprio Colombo a promoção editorial da sua carta, como forma de proteger seus interesses pessoais –, acreditamos fortemente que esse folheto veio a lume por intervenção direta dos monarcas espanhóis.

Uma rápida análise dos incunábulos produzidos por Pedro Posa que chegaram até nós nos permitem inferir que, pelo menos desde 1481, os reis da Espanha utilizavam suas prensas para a publicação de legislações e sentenças reais. Impressos que usualmente eram estampados no formato *in folio* utilizado para publicar a carta de Colombo, enquanto os outros livros por ele produzidos, salvo poucas exceções, saíam em formato *in 4º*.⁴

O mesmo, a nosso ver, pode ser dito da outra única edição espanhola do texto da carta colombina de que temos conhecimento: a que foi publicada *in 4º*, em Valladolid (então capital do reino de Castela), entre 1493 e 1494, por Pedro Giraldi e Miguel de Planes⁵, dois impressores que também publicaram mais de uma obra a pedido dos reis de Espanha, como atesta o uso do escudo heráldico dos monarcas presente nos frontispícios de algumas de suas edições⁶.

É bem possível, ademais, que tenham existido outras edições que se perderam – visto que das duas que conhecemos só se conservou um único exemplar de cada.⁷ Mas no contexto quatrocentista ibérico, duas impressões de

² Dentre as mais recentes edições da *Carta a Santángel*, merecem destaques as preparadas por Luciano Formisano (Cristoforo Colombo, *La lettera della scoperta. Febbraio-marzo 1493*, Napoli: Liguori, 1992.) e por Consuelo Varela e Juan Gil (Cristóbal Colón, *Textos y documentos completos. Relaciones de viajes, cartas y memoriales*, 3ª. ed. atualizada, Madrid: Alianza Editoria, 1997.) Em língua portuguesa a única tradução que conhecemos do texto é de Miguel Viegas Guerreiro (Cristovão Colombo, *Carta do Achamento das Antilhas, 15 fevereiro-14 de março de 1493*, Lisboa: Tipografia Alcobacense, 1992).

³ *SEñor po[r] que se que aureis plazer de la grand vitoria...*, Barcelona: [Pedro Posa], [1493]. Opúsculo sem indicação de editor e data, mas atribuído a Posa pelos tipos nele utilizados.

⁴ Wilkinson aponta para a existência de uma outra impressão da Carta a Santángel, sempre realizada por Pedro Posa, em 1493, cujo único exemplar se encontraria atualmente conservado na *Hispanic Society of America* em Nova Iorque, mas não fomos capazes de encontrar qualquer outra referência a esse documento. Alexander S. Wilkinson, *Iberian Books: Books Published in Spanish or Portuguese or on the Iberian Peninsula Before 1601*, Leiden: Brill, 2010, p. 135.

⁵ Opúsculo sem indicação de editor e data, mas atribuído a esses impressores pelos tipos nele utilizados.

⁶ Ver abaixo a nota 14.

⁷ O único exemplar da *Carta a Santángel* impressa por Pedro Posa hoje conhecido se conserva na Biblioteca Pública de Nova Iorque, <https://digitalcollections.nypl.org/items/7fbc3989-f804-30a9-e040-e00a18067752>. Já o único exemplar hoje conhecido da impressão de Giraldi e Planes se conserva na Biblioteca Ambrosiana em Milão. Uma reprodução fac-símile do mesmo pode ser encontrada em Gerolamo d’Adda (ed.), *Lettera in lingua spagnuola diretta da Cristoforo Colombo a Luis de Santangel (15 febbraio 14 marzo 1493)*, Milano: T. Laengner, 1866.

um mesmo escrito já podem ser consideradas uma fortuna editorial excepcional. Conhecemos somente outros três opúsculos de caráter noticioso impressos na Espanha entre 1472 (ano em que foram publicados os primeiros incunábulo produzidos na Península Ibérica) e 1493: duas versões da relação de Guillaume Caoursin sobre o assédio de Rodes, publicadas em 1481⁸, e a relação da conquista de Málaga pelas tropas dos Reis Católicos de Diego de Muros, publicada em Saragoça, em 1487⁹.

Juntamente a *Carta a Santángel*, esses folhetos fizeram parte de um exíguo grupo de notícias impressas que vieram à luz na Península Ibérica, a serviço do programa político dos monarcas de Espanha, ainda no último quartel do século XV¹⁰. Era o exato momento em que o gênero noticioso se afirmava definitivamente, graças à difusão da imprensa de tipos móveis, que permitia a reprodução tipográfica de notícias que circulavam manuscritas para uma maior e mais rápida divulgação.

O caráter político da publicação da carta de Colombo se confirma ainda mais com as outras três edições feitas em Roma (duas pelas prensas de Stephan Planck e uma pelas de Franck Silber¹¹), poucos meses depois do recebimento da notícia pelos Reis Católicos. O texto dessas impressões não era mais em língua espanhola, mas uma versão latina, feita pelo aragonês Leandro di Cosco, a partir

⁸ Guillaume Caoursin, *Obsidionis Rhodiae urbis descriptio*, [Barcelona (?): Johann von Salzburg e Pablo Hurus, 1481]; Guillaume Caoursin, *Rhodie obsidionis descriptio*, [Zaragoza]: Pablo Hurus et Juan Blanco, 1481; Matilde López Serrano, “Incunables españoles: “Obsidionis Rhodie descriptio”, de Guillermo Caoursin”, *Revista Bibliográfica y Documental*, (1947). Suplemento 1.

⁹ Diego de Muros, *Breve epithoma rerum apud Malacam gestaru*, [Zaragoza: Juan Hurus, 1487].

¹⁰ É possível que outros panfletos e folhas volantes, hoje desconhecidos, tenham sido impressos nesse período. A ausência de impressões espanholas de textos sobre a conquista do reino de Granada que encontramos publicadas na Itália parece, de fato, apontar para isso. Me refiro à *Oratio in obsequio canonice exhibito per illustrem comitem Tendille* de Antonio Giraladini e ao *Sermo in commemoratione victoriae Bacensis* de Bernardino López de Carvajal, publicados em Roma, por Stephan Planck, respectivamente em 1486 e 1493; à *Oratio de victoria malachitana* de Pedro Boscà e à *Epistula De victoria Serenissimi Regis Hispaniarum contra Maurus granatensis* de Diego Muros, publicada num mesmo opúsculo com a sua *Epithoma rerum apud Malacam gestarum* e ao *Panegyris de Triumpho Granatensi* de Paulo Pompilio, impressas em Roma, por Franck Silber, respectivamente, em 1487, 1488 e 1490 e os poemas em oito versos dodecassílabos *La guerra del Re di Spagna contro il Re di Granata* de Antonio Farina, publicado anepígrafo em Milão, por Leonhard Pachel, provavelmente em 1492 e reimpresso, emendado, na mesma cidade, por Filippo Mantegazza, em 1493, e o anônimo *Storia di Granata* publicado em Bolonha por Ugo Ruggieiri e em Brescia por Battista Farlengo, sempre entre 1492 e 1493. Ver María Dolores Rincón Gonzalez, “La divulgación de la toma de Granada: objetivos, mecanismos y agentes”, *Anuario de Estudios Medievales*, v. 40, n. 2 (2010), pp. 603-615, <https://doi.org/10.3989/aem.2010.v40.i2.317>; Raúl González Arévalo, Ecos de la toma de Granada en Italia. De nuevo sobre las cartas a Milán y Juca”, in *Homenaje al profesor Eloy Benito Ruano*, Murcia: Universidad de Murcia (CSIC), 2010, pp. 343-353; Júlia Benavent, “Las relaciones italianas sobre la Conquista de Granada en el siglo XV”, in *Las relaciones de sucesos en los cambios políticos y sociales de la Europa Moderna*, Barcelona: Universidad de Barcelona, 2015, pp. 103-108; Martina Colazzo, La conquista di Granada: cronaca e letteratura a Roma, in Mario Spedicato (a cura di), *Graeci sumus et hoc nobis gloriae accedit. In memoria di Amleto Pallara*. Lecce: Il Grifo, 2016, pp. 225-247.

¹¹ Referido também em outras sedes como *Eucharius Silber* ou *Eucharius Argenteus*.

de uma variante da *Carta a Santángel* destinada a Gabriel Sanchez, Tesoureiro do reino de Aragão¹².

Planck e Silber eram os mesmos impressores que anos antes haviam publicado na capital pontifícia vários opúsculos sobre a reconquista de Granada¹³. Silber foi também responsável pela impressão, nesse mesmo ano de 1493, de dois dramas de temática hispânica: a *Historia Baetica* do Camareiro Papal Carlo Verardi¹⁴, diálogo em prosa sobre a tomada de Granada, encenado na casa do Cardeal Raffaele Sansoni Riario na primavera de 1492 e publicado com alguns poemas de seu sobrinho Marcellino¹⁵, e o *Fernandus servatus*¹⁶, tragicomédia em verso dos mesmos autores, representada para o embaixador espanhol e para o próprio Papa Alexandre VI, que saiu impressa com dedicatória para o Cardeal Pedro González de Mendoza.

Os cardeais Riario e González de Mendoza faziam parte, juntamente com Bernardino López de Carvajal e Juan Ruiz de Medina, da elite eclesiástica a serviço da Espanha junto à cúria romana. Nela, através do mecenato artístico e literário, defenderam os interesses e promoveram a imagem da Monarquia Hispânica¹⁷. Foram estes homens os agentes que, no último quartel do século XV,

¹² Henry Harisse acreditava que se tratasse da mesma carta e que as pequenas diferenças textuais entre as duas cartas impressas podiam ser explicadas pelo processo de tradução do espanhol para latim (Henry Harisse, *Bibliotheca Americana Vetustissima: a description of works relating to America published between the years 1492 and 1551*, New York: G.P. Philes, 1866). Carlos Sanz, por sua vez, sustentava que se tratasse de duas cartas distintas, pois supunha que Colombo havia enviado variantes da mesma missiva a destinatários diversos (Carlos Sanz, *El gran secreto de la Carta de Colón (crítica histórica) y otras adiciones a la Bibliotheca Americana vetustissima*, Madrid: V. Suares, 1959). Já Pérez, como veremos, considerava que a carta romana fosse uma correção da versão impressa em Barcelona feita nos ambientes de Chancelaria dos monarcas espanhóis (Demetrio Ramos Pérez, “La Carta de Colón dando cuenta del Descubrimiento en relación con las Islas Canarias y la gestión de la Bula de Donación”, in Francisco Morales Padrón (org.), *I Coloquio de Historia Canario-Americana*, Gran Canaria: Cabildo Insular de Gran Canaria, 1977, pp. 10-41).

¹³ Ver acima, nota 10.

¹⁴ “Caroli Verardi Caesenatis Cubicularii Pontificii”, in *Historiam Baeticam ad R.P. Raphaellem Riarium S. Georgii Diaconum Cardinalem Praefatio*, Impressum Romae: per Magistrum Eucharium Silber, aliás Franck, 1493, die uero 7 martii. Em 1494, essa obra recebeu duas edições na Espanha, uma delas atribuída aos mesmos Pedro Giraldo e Miguel de Planes que publicaram a *Carta a Santángel* em Valladolid. Ver Paola Farenza, *Circostanze e modi della diffusione dell’Historia Baetica*, in Carlo Verardi, *Historia Baetica. La Caduta di Granata nel 1492*, Roma: Herder, 1993, pp. XX-XXI.

¹⁵ *Marcellini Verardi Caesenatis Elegia; Marcellini Verardi ad poetas ut triumphum de hoste Mauro ab Hispaniarum principibus ... e Elegia qua fides Fernando & Helisabe gratias agit, quae eorum opera Maurorum catenis fuerit liberata.*

¹⁶ *Fernandus servatus, tragicomedia Caroli Verardi a Marcellino Verardo versibus descripta. Invectia in Ruffum, regiae maiestatis violatorem*, Romae: Eucharius Silber, [1493]. Ver Harmut Beyer, “Carlo and Marcellino Verardi’s *Fernandus servatus* and the Poem *Supra casum Hispani regis* by Petrus Martyr: Drama and Diplomacy in Papal Rome under Alexander VI”, in Jan Bloemendal e Elsa Strietman (orgs.), *Drama, Performance and Debate: Theatre and Public Opinion in the Early Modern Period*, Leiden: Brill, 2013, pp. 35-56.

¹⁷ Flavia Cantatore, “Un committente spagnolo nella Roma di Alessandro VI: Bernardino Carvajal”, in Maria Chiabò, Silvia Maddalo e Massimo Miglio (dirs.), *Roma di fronte all’Europa al*

fizeram de Roma o principal centro de difusão dos sucessos político-militares dos soberanos espanhóis. Impressas em Roma, apenas um ano após a fastuosa celebração da conquista do reino de Granada, essas edições da carta-notícia de Colombo só podem, a nosso ver, ser compreendidas no contexto das relações políticas entre o Papado e os monarcas hispânicos e do programa político promovido pelos agentes espanhóis na corte pontifícia¹⁸.

Esse programa político em constante reelaboração teve início como um discurso de caráter cruzadista durante o pontificado de Inocêncio VIII, mas, após a elevação de Rodrigo Bórgia (Alexandre VI), aragonês de Valência, ao sólio pontifício, em 1492, foi adquirindo a forma de um discurso de defesa da Igreja na pessoa do pontífice e de seus Estados e do Mediterrâneo frente à expansão otomana¹⁹. Uma convergência de interesses que se refletiu em sucessivas demonstrações de reconhecimento por parte Papado, como bem demonstrou a outorga das *Bulas Alexandrinas* (3 e 4 de maio de 1493), e defesa da posição espanhola frente às reivindicações feita por Portugal durante as negociações do Tratado de Tordesilhas em 1494.

No contexto da rivalidade entre as coroas ibéricas pelo domínio das rotas do Atlântico, a publicação da carta de Colombo representava, sobretudo, o anúncio do êxito da Espanha sobre Portugal na busca por uma nova rota comercial para o Oriente e a afirmação do direito de posse espanhol sobre os seis territórios por ele descritos. Diante dessa constatação e da ausência dos originais das cartas enviadas por Colombo após o seu retorno à Europa, torna-se possível admitir como plausível a tese aventada por Demetrio Ramos Pérez²⁰, já no final dos anos 1970, de que a *Carta a Santángel* não foi somente publicada a serviço dos interesses da corte espanhola, mas deliberadamente forjada pela Chancelaria Real, como um instrumento político.

tempo di Alessandro VI. *Atti del Convegno (Città del Vaticano-Roma, 1-4 dicembre 1999)*, Roma: Ministero Beni Culturali, 2001, v. III, pp. 861-871; Álvaro Fernandez de Cordova Miralles, "Imagen de los Reyes Católicos en la Roma pontificia", *En la España medieval*, n. 28 (2005), pp. 259-354; Isabella Ianuzzi, "Bernardino de Carvajal: teoria e propaganda di uno spagnolo all'interno della curia romana", *Rivista di Storia della Chiesa in Italia*, n. 62 (2008), pp. 25-45; Marta Albalá Pelegrín, "Humanism and Spanish Literary Patronage at the Roman Curia: The Role of the Cardinal of Santa Croce, Bernardino López de Carvajal (1456-1523)", *Royal Studies Journal*, v. 4, n. 2 (2017), pp. 11-37, <https://doi.org/10.21039/rsj.v4i2.165>.

¹⁸ Nos parece completamente esdrúxula a tese sustentada por Carlos Sanz de que a publicação da *Carta a Santángel* teria sido feita contra a vontade do Reis Católicos como uma manobra de Colombo para proteger seus interesses. Sanz, *El gran secreto*.

¹⁹ Álvaro Fernandez de Cordova Miralles, "Relaciones político-eclesiásticas de Alejandro VI y los Reyes Católicos (1492-1503)", *Anuario de historia de la Iglesia*, n. 14 (2005), pp. 447-453.

²⁰ Pérez. "La Carta de Colón"; Demetrio Ramos Pérez, *La primera noticia de América*, Valladolid: Casa-Museo de Colón, 1986.

Os problemas relativos à transmissão dos escritos colombinos²¹ e as incongruências de datação e ubiquação que emergem do confronto das cartas impressas com o *Diário de Bordo*²² de Colombo deixavam, realmente, um largo espaço para essa interpretação.

Entretanto, a descoberta, em 1985, do *Libro Copiador*²³, contendo sete documentos colombinos inéditos – inclusive uma cópia da dita *Carta aos Reis* (*Carta a los reyes*), enviada por Colombo de Lisboa aos Reis Católicos em 4 de março de 1492²⁴ – mostrou que a teoria de Ramos Pérez precisava ser revisada e aprimorada a partir da nova documentação disponível.

Desde então, autores como Margarita Zamora²⁵, Barry Ife²⁶, Jesus Varela Marcos²⁷ e Miguel González Ancín²⁸, passaram a revisitar a tese de Ramos Pérez e repensar a relação entre os escritos colombinos e as cartas impressas em Espanha e Itália. Partindo desses estudos, hoje podemos afirmar que a *Carta a Santángel* foi com certeza uma carta apócrifa construída no âmbito da corte hispânica, com o intuito de favorecer os interesses dos Reis Católicos junto ao Papado.

Apesar disso, acreditamos que ela não possa por isso ser considerada, por completo, uma falsa notícia, tendo em vista as importantes regularidades entre as informações contidas nas cartas impressas e documentos colombinos como

²¹ A carta enviada pelos Reis Católicos de 30 de março de 1493 em resposta a Colombo (Archivo General de Indias, Sevilha, Patronato, 295, n. 99. *Cópia da Carta enviada pelos Reis Católicos a Cristóvão Colombo em 30 de março de 1493*) fala do recebimento de mais de uma carta, se referindo, quase com certeza, às que foram enviadas por ele de Lisboa e de Sevilha. Entretanto, quantas cartas foram efetivamente enviadas por Colombo e para quais destinatários, não sabemos.

²² O *Diário de bordo* da primeira viagem, redigido por Cristóvão Colombo, dia após dia, entre 3 de agosto de 1492 e 15 de março de 1493, encontra-se hoje perdido. O que conhecemos é uma compilação do mesmo, realizada por Bartolomé de Las Casas, que hoje se conserva na *Sala de Manuscritos* da Biblioteca Nacional de Madrid, e que foi publicado pela primeira vez por Martín Fernández de Navarrete no primeiro volume de sua *Colección* em 1825. Martín Fernández de Navarrete, *Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV: con varios documentos inéditos concernientes á la historia de la marina castellana y de los establecimientos españoles en Indias*, Madrid: Imprenta Nacional, 1825, v. 1, pp. 1-166. No Brasil o *Diário de Bordo* encontra-se publicado com notas de Eduardo Bueno: Cristóvão Colombo, *Diários de Descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*, Porto Alegre: LPM, 1984.

²³ Antonio Rumeu de Armas, *Libro copiador de Cristóbal Colón: correspondencia inédita con los Reyes Católicos sobre los viajes a América*, Madrid: Testimonio, 1989.

²⁴ Publicada em Colón, *Textos y documentos completos*, pp. 227-235 e em Marguerita Zamora, *Reading Columbus*, London: University of California Press, 1993, pp. 181-189.

²⁵ Zamora, *Reading Columbus*.

²⁶ Barry William Ife, “Las dos cartas de Colón de 1493. Transmisión y público”, *Edad de Oro*, n. 12 (1993), pp. 131- 140, <https://doi.org/10.15366/edadoro1993.12>.

²⁷ Jesus Varela Marcos, “La divulgación del descubrimiento de América en España”, in David González Cruz (coord.), *Versiones, propaganda y repercusiones del descubrimiento de América: Colón, los Pinzón y los Niño*, Madrid, Ediciones Sílex, 2016. pp. 115-144.

²⁸ Miguel González Ancín; Otis Towns, “Una nueva teoría sobre el origen de la *Carta a Santángel*: el condicionamiento por Portugal, las tres fases de difusión, y las tres fuentes utilizadas (dos cartas colombinas inspeccionadas, y la carta del capitán Martín Alonso Pinzón)”, *Cuadernos del Marqués de San Adrián: Revista de Humanidades*, n. 13 (2021), pp. 199-242.

Carta aos Reis e o *Diário de bordo*. Mesmo ela atribuindo à expedição colombina uma volta fictícia pelas Ilhas Canárias – certamente conveniente para a obtenção das bulas papais que garantiriam aos monarcas espanhóis a posse das terras descobertas por Colombo –, hoje podemos determinar claramente que o seu texto foi elaborado a partir da combinação de seções da *Carta aos Reis* com informações provenientes de algumas outras fontes: possivelmente uma ou mais cartas autógrafas de Colombo hoje ainda desconhecidas e, eventualmente, a carta de Martín Alonso Pinzón, hoje perdida²⁹.

Aceitação, difusão, transformação e corrupção da notícia

Constructos chancelerescos, a *Carta a Santángel* e a sua variante latina publicada em Roma, foram, naquele tempo, consideradas fidedignas e acolhidas como portadoras de uma notícia verdadeira. Nenhum dos documentos de época por nós conhecidos demonstra alguma suspeita sobre a autoria desses escritos, muito menos questionam os êxitos da viagem de Colombo, apesar de ela ter sido toda construída a partir de uma percepção geograficamente equívoca: quando a carta colombina foi publicada, tanto seu autor, quanto os seus leitores acreditavam que se tratasse de um relato da sua chegada às margens orientais do continente asiático.

É provável que a teoria de Paolo Toscanelli – de que era possível chegar às Índias navegando o Atlântico em direção oeste –, que servira de sustentação teórica para a expedição de Colombo, fosse já bem conhecida nos ambientes mercantis italianos, visto que não há sombra de dúvida sobre a efetividade do feito colombino em nenhum dos escritos que falam sobre a recepção da notícia do sucesso de sua expedição que nos foram legados pelas elites mercantis e políticas da Itália³⁰. Muito mais estupor e suspeita causaria, paradoxalmente, a notícia da chegada em Calicute das caravelas portuguesas guiadas por Vasco da Gama, em 1498.³¹

²⁹ Carta enviada de Bayona em meados de fevereiro de 1493 que hoje é considerada como a primeira notícia recebida pelos Reis Católicos acerca do sucesso da expedição colombina. Ver María Montserrat León Guerrero, “Martín Alonso Pinzón dio la primera noticia del Descubrimiento”, in Fernando Navarro Antolín (coord.), *Orbis incognitos. Avisos y legajos del Nuevo Mundo: homenaje al profesor Luis Navarro García, Vol. II*, Huelva: Universidad de Huelva, 2007, pp. 51-58.

³⁰ Graças a uma forte tradição de escrita memorialística e de conservação arquivística, a península itálica preservou uma rica documentação sobre o ativo interesse pelo apontamento das informações, por parte das chancelarias e das companhias de comércio, nos anos finais da Idade Média. Esses conjuntos documentais oferecem parte conspícua dos testemunhos que hoje conhecemos sobre a recepção da notícia do sucesso da expedição colombina no contexto europeu da época.

³¹ A notícia de que caravelas do rei de Portugal haviam aportado em Calicute foi recebida em Veneza, primeiramente, pela via do Levante, em agosto de 1499, causando, ao mesmo tempo,

Esses testemunhos nos permitem averiguar a agilidade dos circuitos de informação. É surpreendente a velocidade com que a notícia divulgada pelas cartas de Colombo se propagou. Antes mesmo da primeira edição romana ser publicada, a notícia já circulava na península itálica, primeiramente via Milão, como atesta a carta de Jacobo Trotti³², e depois via Roma³³. O *Compêndio da Cronaca Delfina* compilado pelo veneziano Marino Sanuto³⁴, na notação referente à data de 18 de abril de 1493, registra a chegada de cartas, vindas de Roma, com notícias (*avisi*)³⁵ “vindas de Portugal sobre as cinco ilhas que foram encontradas pelos barcos do rei que foram à Índia, a carta é da data em que a Caravela estava nas Ilhas Canárias, no último dia quinze de fevereiro”³⁶.

Taddeo Vimercati, escrevendo de Veneza ao duque de Milão, em 27 de abril de 1493, informa que “tinham sido publicadas naquelas terras cartas que contavam como alguns espanhóis encontraram algumas ilhas das quais não se tinha conhecimento algum”³⁷. Edição que se realmente existiu, permanece até hoje desconhecida. Dias depois, em 29 de abril, Leandro de Cosco havia concluído a tradução que viria a ser impressa em Roma, por Stephan Planck.

preocupação e incredulidade em Girolamo Priuli. Ver Girolamo Priuli, *I diari*, Città di Castello: Lapi, 1912, v. 1, p. 153.

³² *Raccolta di Documenti e Studi pubblicati della R. Commissione Colombiana pel quarto centenario della scoperta dell'America*, Roma: Ministério de Pubblica Istruzione, MDCCCXIII, Parte III, Tomo I, pp. 141-142.

³³ Já há algum tempo se tem ressaltado que o nascimento das notícias impressas nunca fez com que as notícias manuscritas ficassem relegadas a um segundo plano: a circulação mais restrita das notícias manuscritas e sua não sujeição aos mecanismos de censura editorial, garantiram a elas uma sobrevivência paralela e interrelacionada com as notícias levadas a um público mais amplo através das prensas. Sobre essa questão, ver Fernando Bouza Álvarez, *Corre Manuscrito: Una historia cultural del Siglo de Oro*, Madrid: Marcial Pons, 2001 e Roger Chartier, “Le manuscrit à l'âge de l'imprimé (XVème. - XVIIIème. siècles): lectures et réflexions”, *La Lettre clandestine: revue d'information sur la littérature clandestine de l'âge classique*, n. 7 (1998), pp. 175-193.

³⁴ “Compêndio da Cronaca Delfina”, in *Raccolta*, Parte III, Tomo II, p. 2

³⁵ A palavra “avviso”, forma substantiva de ‘avis’ – termo do antigo francês, que no século XII é atestado com o sentido de ‘opinião’ ou de ‘prudência’ e no século XIII é utilizado com o sentido de ‘conselho’ (*avvertisement*), que manterá por todo período moderno –, e a forma verbal *avvisare*, passaram, ao longo do século XIV, primeiro na Itália, depois na França, a significar, respectivamente, ‘notícia’ e ‘informar’. Jérôme Hayez. “‘Avviso’, ‘informazione’, ‘novella’, ‘nuova’: la notion de l'information dans les correspondances marchandes toscanes vers 1400”, in Claude Gauvard, Claire Boudreau, Kouky Fianu, Michel Hébert (eds.) *Information et société en Occident à la fin du Moyen Age*, Paris: Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 113-134 (p. 125).

³⁶ “avisi avuti di Portogallo de la insule hanno trovato 5 le barge del re, che andono in India, a la lettera è data in la charavella sopra l'xola di Canaria a di 15 fevrier passato”. Esse último trecho da citação atesta que se tratava de uma versão da *Carta à Santangel*, publicada por Pedro Posa, que se encontrava em circulação na Itália, antes da versão latina de Leandro de Cosco ficar pronta em finais de abril. Ver Pérez, “La Carta de Colón”, pp. 35-36.

³⁷ “Se sono publicate in questa terra certe litere, le quale contengono como per alcuni Spagnoli sono trovate certe insule, de le quale non se haveva cognitione alcuna”. *Raccolta*, Parte III, Tomo I, p. 25.

A primeira edição romana, um opúsculo de 4 fólios, frente e verso, em formato *in 4º* (34 linhas por página), deve ter saído poucos dias mais tarde³⁸. Dela derivariam, naquele mesmo ano, outras duas, já mencionadas, edições romanas “corrigidas” do texto³⁹, pelo menos outras seis edições latinas hoje conhecidas⁴⁰ – publicadas em Basileia, Paris e Antuérpia⁴¹, entre 1493 e 1494 –, e uma tradução para o alemão, intitulada *Uma bela e agradável leitura sobre algumas ilhas descobertas de recente pelo rei da Espanha*, publicada em Estrasburgo em 1497⁴².

Verifica-se, assim, uma operação que diz respeito à relação entre a “cultura escrita” (*scribal culture*) e a “cultura impressa”⁴³ que ainda hoje é pouco estudada no âmbito da sociologia dos textos⁴⁴: o desaparecimento do vínculo inicial entre a carta original ou sua cópia (aviso manuscrito) através da qual se transmitiu a informação e o impresso que a partir dela foi produzido. Ainda que toda notícia impressa derivasse em algum momento de uma notícia manuscrita, com a expansão da imprensa cada vez mais as notícias impressas derivavam de outras notícias impressas, como aconteceu com a carta de Colombo e acontecerá com a *Mundus Novus* de Vespúcio⁴⁵.

³⁸ *Epistola Christofori Colom: cui (a)etas nostra multum debet: de Insulis Indi(a)e supra Gangem nuper inventis, ad quas perquirendas, octavo antea mense, auspicijs et (a)ere invictissimi Fernandi Hispaniarum Regis missus fuerat: ad Magnificum d(omi)n(u)m Raphaelem Sanxis: eiusdem serenissi Regis Thesaurarium missa: quam nobilis ac litteratus vir Aliander de Cosco ab Hispano ideomate in latinum convertit: tertio kal(enda)s Maii, M.cccc.xciii, Pontificatus Alexandri Sexti, Anno primo. Sem data nem nome, o impresso é atribuído a Stephan Planck com base na semelhança tipográfica.*

³⁹ Entre a primeira e a segunda edição romana foram feitas correções no *Incipit* da carta. Na primeira edição, a saudação se destina apenas a Fernando II de Aragão, negligenciando Isabel I de Castela, e designa como “Raphael Sanxis” o destinatário da carta, já na segunda, a saudação passa a se referir a ambos os Reis Católicos (“invictissimorum Fernandi et Helisabet Hispaniarum Regum”), o destinatário passar a ser identificado com “Gabriel Sanchis” e o nome do tradutor é alterado de “Aliander” para “Leander” de Cosco.

⁴⁰ Graças às correções feitas no *Incipit* entre a primeira edição e a segunda edição romana do texto (ver nota anterior) pode-se ter certeza de que foi a primeira delas que serviu de matriz para as edições de Basileia, Paris e Antuérpia. Todas estas edições encontram-se reproduzidas em Fac-simile em Carlos Sanz, *La Carta de Colón, anunciando la llegada a las Indias y a la Provincia de Catayo (China)*, Madrid: Gráficas Yagües 1958.

⁴¹ O único exemplar que se conservou dessa edição está hoje conservado na Biblioteca Real da Bélgica (KBR), em Bruxelas (INC A 1.482), <https://uurl.kbr.be/1845078>.

⁴² *Eyn schon hübsch lesen von etlichen inßlen die do in kurtzen zyten funden synd durch den künig von hispania*, Strasbourg: Bartholomaeus Kistler, 1497. O exemplar da Bayerische Staatsbibliothek de Munique, Ink. C 472, está disponível on-line, <https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb00026582?page=,1>.

⁴³ Terminologia que passou a ser utilizada a partir da obra de Eisentein. Elizabeth L. Eisentien, *The printing press as an Agent of Change: Communications and Cultural Transformations in Early-Modern Europe*, New York: Cambridge University Press, 1979, 2 vols.

⁴⁴ Disciplina proposta por McKenzie e que se dedica ao estudo dos textos como formas gravadas e os processos de sua produção, transmissão e recepção. Donald Francis McKenzie, *Bibliografia e Sociologia dos textos*, São Paulo: Edusp, 2018.

⁴⁵ Por vezes, chega mesmo a acontecer que o impresso dê origem a cópias manuscritas, como é o caso de uma das edições parisienses da carta de Colombo, que serviu de fonte para um manuscrito do início do século XVI, que pertenceu a Sigismundo Pandolfo Malatesta, príncipe de Rimini, e que hoje se conserva na Biblioteca da Universidade de Yale nos Estados Unidos.

Ademais, na medida em que tiveram lugar essas novas edições, o texto acabou por ser, em alguma medida, transformado: a reprodução de uma obra impressa pressupõe sempre mobilidade e variação, uma edição nunca é idêntica a outra.⁴⁶ Essas transformações, frequentemente, eram frutos de erros, emendas, e adições intencionais (interpolações) ao texto, bem como de novos contextos de produção ou de novas intencionalidades a ele atribuídos. Como parte desse processo, por vezes, imagens impressas a partir de gravuras eram adicionadas ao texto. Isso é o que acontece, por exemplo, nas edições da carta de Colombo feitas em Basileia, em que xilogravuras são entremeadas ao corpo do texto.

Independentemente disso, a carta de Colombo manteve, do ponto de vista editorial, o caráter evanescente que distingue, de modo geral, a publicação de notícias. Como é característico desse gênero tipográfico, a carta deixou de ser republicada no arco de pouco tempo, na medida em que sua dimensão noticiosa se dissipava: todas as impressões aqui mencionadas da versão latina do texto vieram à lume entre 1493 e 1494.

A publicação de uma notícia, por outro lado, tendia a despertar o interesse na edição de outros textos sobre o mesmo tema. Na esteira da publicação da carta-notícia de Colombo, o humanista Niccolò Scillacio, fez imprimir em Pavia, entre 1494 e 1495, um opúsculo de vinte páginas com o primeiro relato impresso acerca da segunda viagem transatlântica de Colombo.

Dedicado a Ludovico Sforza, duque de Milão, o *De insulis meridiani atque indici maris nuper inventis* (Das ilhas meridionais e do mar recentemente descobertos)⁴⁷ é publicado como uma versão latina, feita por Scillacio, de uma carta enviada pelo nobre aragonês Guilherme Coma ao jurista Alfonso de Cavallarìa, não antes de dezembro de 1494, narrando a primeira parte desta viagem.

Mais do que a tradução de uma carta-notícia, o *De insulis* tratava-se, sobretudo, de um comentário ao relato de Coma, preocupado em colocar a descoberta colombina em diálogo com a geografia então conhecida. Scillacio, por

Beinecke Rare Book and Manuscript Library (Beinecke, ms 740), <https://collections.library.yale.edu/catalog/9998983>. Sobre essa prática ver Cora E. Lutz, *Manuscripts Copied from Printed Books*, *The Yale University Library Gazette*, v. 49, n 3 (1975), pp. 261-267; Michael D. Reeve, "Manuscripts copied from printed books", in J. B. Trapp (ed.), *Manuscripts in the fifty years after the invention of printing*, London: Warburg Institute, 1983, pp. 12-20; Albert Derolez, "The Copying of Printed Books for Humanistic Bibliophiles in the Fifteenth Century", in Hans Bekker-Nielsen et al. (eds.) *From Script to Book. Proceedings of the 7th International Symposium Organized by the Centre for the Study of Vernacular Literature in the Middle Ages, Held at Odense University on 15-16 November, 1982*, Odense: Odense University Press, 1986, pp. 140-160.

⁴⁶ Roger Chartier, *A mão do autor e a mente do editor*, São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 107.

⁴⁷ Nicolò Scillacio, *De insulis meridiani atque indici maris nuper inventis*, [Pavia: Franciscus Girardengus, após 13 de dezembro de 1494], publicada em espanhol em Francisco Morales Padrón. *Primeras cartas sobre América (1493-1503)*, Sevilla: Universidad de Sevilla, 1990, pp. 75-202 e em inglês em *Italian reports on America, 1493-1522: accounts by contemporary observers* (*Repertorium Colombianum*, Vol. XII), Los Angeles: UCLA Center for Medieval and Renaissance Studies. Turnhout: Brepols, 2002, pp. 34-49.

equivoco, deliberado ou não – não sabemos –, acredita que Colombo havia chegado à Ásia navegando para o sul e circum-navegando o continente africano – como Vasco da Gama o faria em breve – e não cruzando o Atlântico em direção ao oeste.

A partir de referências provenientes da Bíblia e de autores clássicos como Plínio e Virgílio, ele considera Dominica, Maria-Galante e Guadalupe como ilhas do Oceano Índico e associa os índios americanos, “gentes bárbaras da Líbia e etíopes desconhecidos”⁴⁸, aos súditos do rei de Sabá. A mesma preocupação em colocar as descrições de Colombo em diálogo com a tradição escrita da geografia antiga que já estava presente na tradução para língua alemã da *Carta a Santángel*, publicada em Estrasburgo em 1497⁴⁹.

Nesse impresso, a um certo ponto da narrativa, é inserida uma interpolação de treze linhas que se propõe a explicar a exata localização da ilha habitada pelos homens com cauda, a que as edições latinas acenam só brevemente. Afirma-se aí que Ptolomeu já havia conhecido tal ilha e que essa se localizava no Oceano Índico, não longe da Taprobana (Ceilão) e que sobre essas ilhas já haviam escrito os antigos cosmógrafos⁵⁰.

Além disso, na parte final do texto, no lugar em que a versão latina de Colombo afirma, de maneira nitidamente encomiástica, que a descoberta não era mérito seu, mas da fé cristã e da devoção e temor a Deus por parte dos reis Católicos, na versão alemã se lê “tudo só pôde ser descoberto com ajuda de Deus, sobretudo, as maravilhas dessa viagem, das quais já escreveram Ptolomeu, Estrabão e Plínio, e de que agora existem testemunhos oculares e provas”.⁵¹ Colombo, tornava-se, assim, antes de mais nada, um confirmador da tradição clássica.

Essas duas publicações ofereceriam reinterpretações para a geografia das Índias tocadas por Colombo que divergiam abertamente do que havia divulgado o próprio Colombo, que acreditava ter atracado em ilhas localizadas a leste da *Aurea Chersonesus* próximo à foz do Ganges e das terras do Catai (China). Por essa

⁴⁸ Os antigos designavam com o termo *Etiópia* a África subsaariana; Heródoto distinguia os etíopes da África dos da Ásia (os Indianos). Na cartografia ptolemaica se dividia a *Aethiopia sub Aegyptio* da *Aethiopia interior*, a sudoeste da primeira. Nos autores de fins da Idade Média, a *Etiópia* correspondia à África ocidental, da Mauritânia à Guiné. Ilaria Luzzana Caraci, *Scopritori e viaggiatori del Cinquecento e Seicento. Tomo I – Il Cinquecento (La letteratura italiana. Storia e testi, Vol. 40)*, Milano-Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1991, p. 250.

⁴⁹ *Eyn schon hübsch*.

⁵⁰ Passagem em que fica clara a influência dos planisférios das recentes edições da *Cosmografia* de Ptolomeu, em que a Taprobana é representada como uma vultosa ilha (bem maior do que efetivamente é) cercada de várias pequenas ilhotas.

⁵¹ Wolfgang Neuber, “Il primo viaggio di Colombo e la sua tradizione narrativa in Germania fino al 1600”, in Adriano Prosperi e Wolfgang Reinhard (a cura di), *Il Nuovo Mondo nella coscienza italiana e tedesca del Cinquecento (Annali dell’Istituto storico italo-germanico, Quaderno 33)*, Bologna: il Mulino, 1992, pp. 155-182 (pp. 159-160).

razão, elas nos oferecem excelentes exemplos de quão longe de seus originais podiam ir as traduções nessa época.

Tais intervenções, que criavam verdadeira falsas-notícias, parecem, porém, ser bem toleradas por uma cultura em que a difusão dos conhecimentos geográficos se dava, principalmente, a partir de conjecturas hipotéticas, concebidas no campo do plausível, uma vez que não podiam efetivamente ser, então, confirmadas como verdadeiras ou falsas. Além disso, apesar das significativas distorções que implantam nos relatos que se propunham a transmitir, esse tipo de operação parece encontrar legitimidade no fato de compartilhar com os textos de origem concepções acerca da autoridade dos antigos e da esfericidade do globo terrestre retiradas das mesmas fontes da tradição.

O que leva as notícias a serem impressas?

Não deixa de ser curioso, porém, que justamente após a publicação desses dois impressos, por um período de quase dez anos, nenhuma outra notícia acerca das viagens atlânticas rumo ao Ocidente veio a lume através da imprensa. Fato paradoxal se pensarmos que, justamente nesse período, realizavam-se a terceira e quarta viagens de Colombo e outras expedições por elas inspiradas – como as de Giovanni Caboto, em 1497 e 1498; as de Alonso de Ojeda, Pedro Alonso Niño, Diego de Lepe e Vicente Yañez Pinzón, em 1499 – que estavam constantemente permitindo a ampliação do conhecimento empírico acerca da costa oeste da América (aqui ainda entendida como Ásia).

Durante esses anos, as notícias das viagens atlânticas rumo ao Ocidente, bem como daquelas realizadas pelos portugueses na costa da África – e, posteriormente, da Ásia – circularam somente por via manuscrita, por meio das redes de correspondência diplomática e mercantil. Foi graças a esse circuito de notícias que o savonense Michele da Cuneo transmitiu a seu conterrâneo Gerolamo Annari, em setembro de 1495, seu relato da segunda viagem de Colombo (*De Novitatibus Insularum Oceani Hesperii Repertarum a Don Christoforo Columbo Genuensi*)⁵²; que, de Londres, em agosto de 1497, Lorenzo Pasqualino comunicou para seus irmãos Alvise e Francesco, em Veneza, o sucesso da primeira viagem feita por Giovanni Caboto a serviço de Henrique VII⁵³; e que,

⁵² O autógrafo se conserva na Biblioteca Universitária de Bolonha (Cód. 4075). O texto se encontra publicado na *Raccolta*, Parte III, Tomo 2, pp. 95-107.

⁵³ Cornelio Desimoni, *Intorno a Giovanni Caboto. Genovese, Scopritore del Labrador e di altre regioni dell'alta America Settentrionale: documenti pubblicati ed illustrati*, Genova: Tipografia del R. Istituto de' sordo-muti, 1881, pp. 217-218.

em julho de 1499, Girolamo Sernigi expediria de Lisboa uma carta informando o êxito da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia⁵⁴.

Movimentação que efetivamente denota a existência de um interesse político, econômico e cultural na geografia/etnografia do Oriente e no potencial comercial aberto pelas viagens transatlânticas. Entretanto, o fato de que essas notícias nunca tenham sido impressas, revela que, por si só, esse interesse, diferentemente do que sustenta o lugar-comum, não era o suficiente para que essas notícias chegassem às prensas.

Diante disso, a impressão de notícias nos albores da época moderna não pode ser compreendida meramente na chave de uma resposta para a demanda de público: a notícia não nasce, como dizem muitos⁵⁵, do interesse em se conhecer uma informação, mas sim do interesse em divulgá-la. A publicação de notícias, como a de outros impressos também, precisa então ser pensada como um ato complexo, fruto dos interesses de atores sociais diversos, que pode em muito transcender a dimensão da relação autor-editor⁵⁶. Uma publicação é frequentemente fruto dos interesses políticos, econômicos e culturais de seus financiadores, sejam eles indivíduos, grupos ou governos.

Conscientes disso, infelizmente, não somos, por hora, capazes de oferecer uma explicação alternativa àquela que atribui ao mero interesse comercial dos editores a existência das edições não-romanas da versão latina da carta atribuída a Colombo. É bastante difícil decidir quem e quais intencionalidades estão, de fato, por trás das publicações das edições feitas em Basileia, Paris e Antuérpia. Teriam todas essas impressões sido promovidas pelos monarcas da Espanha?

Um indício que apontaria nessa direção é o fato de que a segunda edição do texto da carta publicado em Basileia por Johann Bergmann von Olpe seja antecedida pela *Historia Baetica* de Carlo Verardi⁵⁷ e se abra com um frontispício em que encontramos um gravura em que é representado o próprio rei Fernando de Espanha em armadura, que segura um vexilo cruzado e os escudos de Castela e Aragão e os da cidade de Granada.

Nessa direção talvez também possa ser interpretado o fato de todas essas edições posteriores derivarem de primeira edição da romana produzida por Stephan Planck (conforme o fluxograma abaixo), como se este impresso tivesse sido tempestivamente enviado a esses centros impressores com o intuito de ser velozmente reproduzido. Assim, a notícia do sucesso da expedição colombina

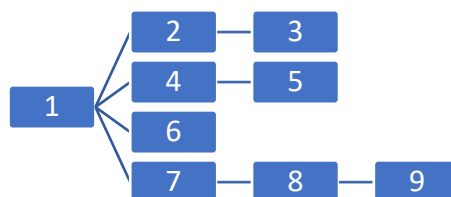
⁵⁴ Luciano Formisano (ed.), *Iddio ci dia buon viaggio e guadagno - Firenze, Biblioteca Riccardiana, ms. 1910 (Codice Vaglianti)*, Firenze: Polistampa, 2006, pp. 131-137.

⁵⁵ Andrew Pettegree, *The invention of the news: how the world came to know about itself*, New Haven-London: Yale University Press, 2014 e Joad Raymond; Noah Moxham, *News Networks in Early Modern Europe*, Leiden-Boston: Brill, 2016.

⁵⁶ Ver Chartier. *A mão do autor*.

⁵⁷ Ver acima, nota 14.

poderia rapidamente circular nos principais centros políticos da França via Paris, e do Sacro Império via Basiléia, ao sul, e via Antuérpia, ao norte.



1. ROMA (STEPHAN PLANCK I) 2. ROMA (STEPHAN PLANK II); 3. ROMA (FRANCK SILBER); 4. BASILÉIA (MICHEL FURTER OU JACOB WOLFF VON PFORZHEIM); 5. BASILÉIA (JOHANN BERGMANN VON OLPE); 6. ANTUÉRPIA (THIERRY MARTENS); 7. PARIS (GUYOT MARCHANT I); 8. PARIS (GUYOT MARCHANT II); 9. PARIS (GUYOT MARCHANT III)

A importância que a imprensa noticiosa adquire na França durante o reinado de Carlos VIII (1483-1498)⁵⁸, a emergência da Antuérpia como principal porto do Atlântico Norte nas últimas décadas do século XV e a importância de Basileia como centro editor e de produção de papel do Sacro Império entre as décadas de 1480-1490⁵⁹, talvez possam fornecer alguns indícios, mas estudos mais específicos precisariam ser feitos. Os estudos existentes que comparam essas edições são todos de caráter bibliográfico e não procuram esclarecer as razões pelas quais elas foram produzidas.

Uma rápida verificação da produção editorial de impressores como Thierry Martens⁶⁰ e Guyot Marchant⁶¹, todavia, evidencia como a publicação da carta *pseudo-colombina* se trata de um desvio de tipologia no conjunto de suas publicações. Diante disso, poderíamos admitir a ideia de que foi somente a potencialidade que a notícia publicada em Roma tinha em despertar o interesse dos leitores dos ambientes letrados que levou os editores, movidos por interesses comerciais, a imprimir e reimprimir a tradução de Leandro de Cosco. Certamente a carta de Colombo devia interessar a um público que conhecia as narrativas

⁵⁸ Ver Jean Pierre Seguin, "L'information à la fin du XVe siècle en France: pièces d'actualité imprimées sous le règne de Charles VIII (Suite et fin)", *Arts et traditions populaires*, a. 5, n. 1 (Janvier-Mars 1957), pp. 46-74 e Marion Pouspin, *Publier la nouvelle: Les pièces gothiques, histoire d'un nouveau média (XVe-XVIe siècles)*, Paris: Éditions de la Sorbonne, 2016.

⁵⁹ Somente em 1501, a cidade deixaria de pertencer ao Sacro Império, se tornando o décimo primeiro estado da Confederação Suíça.

⁶⁰ Ver Renaud Adam; Alexandre Vanautgaerden, *Thierry Martens et la figure de l'imprimeur humaniste (une nouvelle biographie) (Nugae humanisticae sub signo Erasmi, 11-1)*, Turnhout : Brepols, 2009.

⁶¹ Ver Seguin, "L'information à la fin du XVe siècle en France"; Pouspin, *Publier la nouvelle*. e Benoît Roux, "Un canard d'Inde. Production, diffusion et réception du "De insulis nuper inventis" de Christophe Colomb en France (1493)", in Jean-Claude Arnould e Silvia Liebel (dir.), *Canards, occasionnels, éphémères. "Information" et infralittérature en France à l'aube des temps modernes. Actes du colloque du CÉRÉDI (Université de Rouen, 19-21 septembre 2018)*. Disponível em, <http://p-ublisshs.univ-rouen.fr/ceredi/index.php?id=691>.

sobre o lendário Preste João, os relatos de viagens de Marco Polo e Jean de Mandeville. Mas então por que o interesse desse público não foi suficiente para que notícias sobre as viagens atlânticas continuassem a ser impressas?

Autoria e fortuna editorial da *Mundus Novus*

Passaram-se dez anos de completo silêncio editorial por parte das prensas europeias acerca das viagens transatlânticas⁶² até a publicação, em 1504, da *Mundus Novus*: relação de viagem em forma de carta, atribuída a Américo Vespúcio, em que se anuncia a descoberta, durante uma viagem de exploração promovida pelo rei Manuel I de Portugal, de um novo continente, até então desconhecido pelos europeus.

Destinado a grande sucesso editorial – pelos menos doze edições, feitas entre 1504 e 1506 –, esse opúsculo em língua latina, relatava a primeira expedição feita às costas do Brasil (1501-1502), após o desembarque de Cabral em Porto Seguro. Viagem da qual o florentino tomou parte e que transformou a ideia que ele próprio tinha acerca da geografia das Índias Ocidentais. Pela primeira vez a expressão “Novo Mundo” era utilizada para denominar o continente (sul)americano e pela primeira vez a América era concebida como um continente distinto do ecúmeno euroasiático, contrariando o que diziam as notícias que haviam se difundido poucos anos antes através da publicação da *Carta a Santángel*.

É curioso que, em uma carta enviada por Vespúcio, anos antes, em 28 de julho de 1500, para Lourenço de Pierfrancesco dos Médicis⁶³, de que se conserva hoje uma cópia no *Codice Vagliente*⁶⁴, o florentino ainda afirmasse que, durante a expedição de Alonso de Ojeda em 1499 – primeira expedição atlântica em que sua participação é documentada, partindo do golfo de Pária (*Golfo de la Ballena*)⁶⁵ –, navegara rumo ao sul com o intuito de dobrar o cabo de Gattigara, porto mais oriental conhecido por Ptolomeu, que não acreditava ser muito distante⁶⁶, e

⁶² Fazemos essa afirmação considerando os impressos sobre esse tema conhecidos até hoje. Evidentemente, podem ter existido folhetos e opúsculos que não chegaram até nós, ou, ainda, outros que virão a ser descobertos em algum arquivo ou biblioteca.

⁶³ Vespúcio esteve por muitos anos a serviço de Lourenço de Pierfrancesco, banqueiro florentino pertencente a um ramo colateral da família Médicis, de quem foi administrador da casa e por quem foi enviado para Sevilha, entre 1491 e 1492, como homem de confiança para representar seus interesses junto a Casa Berardi, filial do banco dos Médicis que tinha sede nesta cidade.

⁶⁴ “Nota d’una letera scrive Amerigo Vespuci di Cadisi di loro ritorno de l’isole d’India” in Formisano, *Iddio*, pp. 105-114

⁶⁵ Na foz do Orinoco, na atual Venezuela.

⁶⁶ Nos planisférios ptolomaicos do século XV, Cattigara era cidade mais oriental do ecúmeno, colada entre 8º e 9º de latitude Sul na extremidade do *Sinus Magnus*, amplo golfo delimitado a ocidente pela península malaia (*Aurea Chersonesus*) e a oriente da hipotética faixa de terra que fechava o Oceano Índico.

alcançar o golfo da China (*Sinus Magnus*).⁶⁷ Ou seja, nesse momento, Vespúcio, compartilhando das ideias de Colombo, ainda acreditava que se encontrava na margem oriental da Ásia⁶⁸ e sonhava em chegar a Taprobana pela via do Ocidente.⁶⁹

No decurso dessa expedição, Vespúcio e sua tripulação foram os primeiros europeus a explorar o litoral do hemisfério austral da América, tendo atingido, segundo ele, 6º de latitude Sul. Nos meses seguintes, as expedições de Diego de Lepe e de Vicente Pinzon, navegando nessa mesma direção, explorariam a costa leste do Brasil, meses antes da chegada de Cabral ao litoral da Bahia em abril de 1500.⁷⁰ Um ano mais tarde, em maio de 1501, Vespúcio partiria de Lisboa, a convite de D. Manuel I, na expedição destinada à exploração da costa do Brasil⁷¹ que, chegando a 50º de latitude Sul, permitia apreender definitivamente a dimensão continental das terras americanas a sul do equador, como atestam os mapas de Cantino (1502) e de Caveri (1502-5), ambos elaborados em ambiente português.

Tratando desta viagem, que, em breve, seria conhecida em toda a Europa, graças à publicação da *Mundus Novus*, chegaram até nós duas outras cartas de Vespúcio, sempre destinadas a Lourenço de Pierfrancesco e igualmente conservadas em cópia no *Codice Vaglienti*. Na primeira delas, enviada do Cabo Verde⁷², em junho de 1501, o florentino faz referência a uma terceira carta enviada de Lisboa, em 8 de maio do mesmo ano, hoje perdida, dá notícias da primeira parte da viagem e relata o encontro que teve com a tripulação de duas das naus da expedição de Cabral que voltavam de Calicute.⁷³ A segunda carta, enviada de Lisboa em junho de 1501, é narrativa do resto da viagem.⁷⁴

⁶⁷ “perché mia intenzione era di vedere se potevo volgere uno cavo di terra che Ptolemeo nomina il Cavo di Cattigara, che è giunto con el Sino Magno, ché secondo mia opinione non stava molto discosto d'esso, secondo e gradi della longitudine e latitudine, come qui abasso si darà conto” *apud* Caraci, *Scopritori e viaggiatori*, p. 226.

⁶⁸ “stemmo in questo viaggio 13 mesi, correndo grandissimi pericoli e discoprendo infinitissima terra della Asia e gran copia d'isole,” *apud* Caraci, *Scopritori e viaggiatori*, p. 242.

⁶⁹ “discoprir la isola Taprobana, che è infra il Mar Indico e il Mar Gangetico” *apud* Caraci, *Scopritori e viaggiatori*, p. 242.

⁷⁰ Ignorando essas expedições espanholas, logo após ter atracado na costa do Brasil, Cabral enviou Gaspar de Lemos imediatamente de volta para Lisboa para dar a notícia de sua descoberta a D. Manuel I.

⁷¹ A tarefa atribuída a Vespúcio nessa viagem era de caráter exclusivamente geográfico pois não contemplava nem a busca de produtos valiosos, nem a posse de novas terras. Talvez, além de confirmar a possibilidade de escala a caminho das Índias, os portugueses esperassem encontrar por meio dessa expedição uma caminho mais curto para chegar ao Oriente.

⁷² “Copia d'una letera scritta Àmerigo Vespuci de l'isola del Capo Verde e nel mare Oceano a Lorenzo di Piero Francesco de' Medici sotto di IIIIº di giugno 1501”, in Formisano, *Iddio*, pp. 117-121.

⁷³ Tratava-se da nave *Anunciada* e da nave de Diogo Dias.

⁷⁴ “Nota d'una letera venuta d'Amerigo Vespuci a Lorenzo di Piero Francesco de' Medici l'anno 1502 da Lisbona della loro tornata delle nuove terre mandato a cercare per la Maestà de re di Portogallo; e prima”, in Formisano, *Iddio*, pp. 122-125.

Essa segunda carta, não só forneceu importante substrato informativo para a elaboração da *Mundus Novus*, como permitiu travestir essa peça editorial do formato de uma relação de viagem em forma de carta. Formato, a nosso ver, escolhido para remeter diretamente à memória da *Carta à Santángel*, carta-notícia que forjara um modelo de relato sobre as terras além do Atlântico, cujo conteúdo a *Mundus Novus* buscava atualizar, com sua descrição do ambiente natural e das gentes, e contestar, sustentando que essas terras formavam um continente independente do ecúmeno.

A adoção da forma epistolar, ademais, dotava o texto de credibilidade, visto que era por meio da correspondência que as informações originalmente se difundiam⁷⁵. Uma operação tão bem-sucedida que, como veremos, levaria autores como Francisco Adolfo de Varnhagen e Roberto Levillier a defender obstinadamente a autenticidade da *Mundus Novus*, refutando, apesar das evidências que se apresentavam, o caráter apócrifo dessa carta-notícia construída, a partir de uma variedade de fontes, nos anos imediatamente após viagem de Vesúcio.⁷⁶

Sabemos, porém, muito pouco acerca do processo de elaboração, tradução e impressão de *edição princeps* desse opúsculo, apesar das longas disputas que sobre ele têm feito os estudiosos nos últimos duzentos anos. Os críticos e bibliógrafos do século XIX e XX tiveram muita dificuldade para estabelecer qual das edições mais antigas era a primeira edição do opúsculo. A primeira hipótese é aquela que retoma a ideia de Henry Harisse⁷⁷, para quem as edições francesas *sine loco et die*, deveriam ser consideradas as mais antigas dentre as primeiras.

⁷⁵ Cerca de 20% do total das notícias impressas em Roma durante o século XVI repertoriados por Tullio Bulgarelli em 1967 tinham como título “Cópia de uma carta (Copia di una lettera)” ou “Carta (Lettera)”. Tullio Bulgarelli, *Gli avvisi a stampa in Roma nel Cinquecento. Bibliografia-antologia*, Roma: Istituto di Studi Romani, 1967. De fato, por muito tempo, permaneceriam muito tênues os limites entre as cartas de caráter noticioso, as relações e os avisos. Isso porque, como afirma Carmem Espejo Cala, as notícias são filhas das epístolas ou cartas de relação que se difundiram através das redes políticas e econômicas europeias nos últimos séculos da Idade Média. Ver Jean Pierre Étienvre, “Entre relación y carta: los avisos” in María Cruz García de Enterría, Henry Ettinghausen, Víctor Infantes de Miguel, Agustín Redondo (eds.), *Las relaciones de sucesos en España (1500-1750). Actas del primer coloquio internacional (Alcalá de Henares, 8, 9 y 10 de junio de 1995)*, Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1996, pp. 111-121; Carmen Espejo Cala, “Los inicios del periodismo en Sevilla: desde las cartas de aviso a las relaciones de sucesos”, in Carmem Espejo Cala, Eduardo Peñalver Gómez e Maria Dolores Rodríguez Brito (orgs.), *Relaciones de sucesos en la Biblioteca de la Universidad de Sevilla*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2008, pp. 26-37 e Pedro Manuel Cátedra, “En los orígenes de las épistolas de relación”, in María Cruz García de Enterría, Henry Ettinghausen, Víctor Infantes de Miguel, Agustín Redondo (eds.), *Las relaciones de sucesos en España*, pp. 33-63.

⁷⁶ O primeiro estudioso a sustentar o caráter apócrifo da *Novus Mundus* foi o geógrafo Alberto Magnaghi. Alberto Magnaghi, *Amerigo Vespucci: Studio critico con speciale riguardo ad una nuova valutazione delle fonti e con doc. ined. tratti dal Codice Vaglienti (Riccardiano 1910)*, Roma: Stabilimento Tipografico Riccardo Garroni, 1926, p. 18.

⁷⁷ Harisse, *Bibliotheca Americana Vetustissima*.

Com base no mesmo tipo da análise, abalizada em elementos puramente bibliográficos, Joseph Sabin em sua *Bibliotheca Americana*⁷⁸, sustentaria que a primeira edição da *Mundus Novus*, devido a suas características particulares⁷⁹, seria aquela publicada em Paris, por Félix Baligault e Jean Lambert e supostamente impressa em 1503.⁸⁰ Tese amplamente difundida e constantemente repetida, devido ao amplo alcance da obra em que foi divulgada, ainda sustentada por autores como Leandro Perini⁸¹ e Maria Candelora Siliberto.⁸²

A segunda proposição, menos conhecida, é aquela que determina como mais antiga a edição impressa em Augusta pelas prensas de Jean Otmar, com data de 1504⁸³. Hipótese que, até onde sabemos, foi proposta pela primeira vez por Alberto Magnaghi⁸⁴ e que, mais recentemente, foi dotada de maior consistência graças à análise filológica dos textos das primeiras doze edições realizada por Ilaria Luzzana Caraci⁸⁵ sobre os passos de Karl Trubenbach⁸⁶ e Graziella Galliano⁸⁷.

Caraci, sustenta, na verdade, que as edições de Augusta, Paris e Venezia, teriam derivado de dois diferentes protótipos, manuscritos ou impressos, não se sabe (ω e α), hoje perdidos. Com exceção dessas três edições, a transmissão dos textos de todas as demais nove primeiras edições teria se dado, como já havia acontecido com a carta de Colombo, por via de impressos sem vínculo algum com o original, conforme o fluxograma abaixo, que inclui a existência uma edição hoje desconhecida (β)⁸⁸:

⁷⁸ Joseph Sabin, *Bibliotheca Americana: A Dictionary of Books Relating to America from Its Discovery to the Present Time*, Amsterdam: N. Israel, 1961-1962, V. XXVI.

⁷⁹ O patronímico de Lourenço de Pierfrancesco, que é corretamente escrito “Petri Francesci” enquanto todas as outras primeiras edições só apresentam “Petri”, e a ausência do título “Mundus Novus” e da invocação “Laus Deus” no fim do texto, ambos presentes nas demais edições.

⁸⁰ Alberic(us) vespucci(us) laure(n)tio petri francisci de medicis Salutem plurima(m) dicit..., [Felix Baligault e Jehan Lambert, Paris, 1504].

⁸¹ Leandro Perini (a cura di.), *Amerigo Vespucci: cronache epistolari. Lettere 1476-1508*, Firenze: Firenze University Press, 2013.

⁸² Maria Candelora Siliberto, “Il Mundus Novus di Amerigo Vespucci fra discipline geografiche, storiche e filologiche”, *Rivista Geografica Italiana*, n. 105 (1998), pp. 277-309.

⁸³ *Mundus novus*, Augsburg: Johannes Otmar, 1504. Desta edição se conhecem várias impressões, só uma dela consta da data no Colophon.

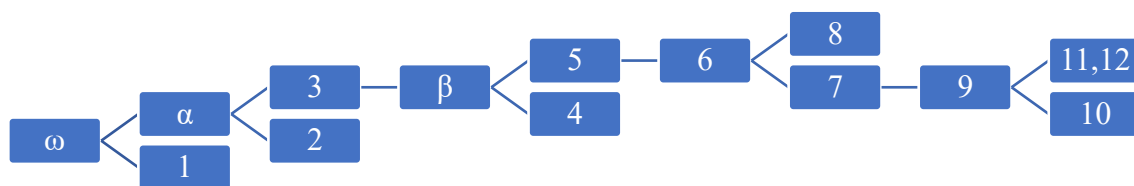
⁸⁴ Magnaghi, *Amerigo Vespucci*.

⁸⁵ Ilaria Luzzana Caraci, “Alle origini della geografia d'America: le prime edizioni del “Mundus Novus””, *Rivista Geografica Italiana*, 102, n. 4 (1995), pp. 559-583.

⁸⁶, Karl Trübenbach, *Introdução a Emil Sarnow e Karl Trübenbach (Hrsg.) Drucke und Holzschnitte des 15. und 16. Jahrhunderts in getreuer Nachbildung (Band 9: Mundus novus: Ein Bericht Amerigo Vespucci's an Lorenzo de Medici über seine Reise nach Brasilien in den Jahren 1501/02)*, Strassburg: Heidtz & Mündel, 1903.

⁸⁷ Graziella Galliano, “Alcune considerazioni sulle edizioni del Mundus Novus”, in Simonetta Ballo Alagna (coord.), *Atti del Convegno Esplorazioni geografiche e immagini del mondo nei secoli XV e XVI (Messina, 1993)*, Messina: Grafo Editor, 1994, pp. 153-170.

⁸⁸ Caraci, *Alle origini della geografia d'America*, p. 579.



1. AUGUSTA (OTMAR, 1504) 2. PARIS (BARIGAULT-LAMBERT, 1504); 3. VENEZA (SESSA, 1504); 4. ROSTOK (BARKRUSEN, 1505); 5. NUREMBERG (? 1504/1505); 6. COLÔNIA (LANDEN, 1505); 7. ROMA (SILBER, 1505); 8. ESTRASBURGO (HUPFUFF, 1505); 9. ANTUÉRPIA (VORSTERMANN, 1505); 10. PARIS (DE GOURMONT, 1506); 11. PARIS (ROCE, 1506); 12. PARIS (GERING-REMBOLT, 1506)

Interpretação, que traz à tona outra questão intimamente ligada ao problema da *traslatio* editorial do texto da *Mundus Novus*: a discussão relativa ao autor da tradução do texto original do vernáculo vespuciano para o latim.

O debate sobre essa questão, historiograficamente se construiu todo em torno da identificação de quem seria o tal Giocondo que é mencionado no início do *Explicit* do opúsculo: “Da língua italiana em língua latina o intérprete Iocondo esta epístola verteu” (*Ex italica in latinam linguam Iocundus interpres hanc epistolam vertit*)⁸⁹. Ilaria Caraci⁹⁰ e Luciano Formisano⁹¹, na esteira de Angelo Maria Bandini⁹², Alexander von Humboldt e Ferdinand Oscar Peschel, defendem que o tradutor se trate de Giuliano de Bartolomeo del Giocondo, mercante-banqueiro florentino estabelecido em Lisboa que segundo preâmbulo da própria *Mundus Novus* teria ido a Sevilha persuadir Vespúcio a viajar a serviço de D. Manuel I⁹³.

A ligação de Giuliano com a cidade de Augusta é, de fato, atestada pela sua ligação com Lucas Rem⁹⁴, mercante ligado por matrimônio com os Welser, família de mercantes-banqueiros dessa cidade que financiaram viagens portuguesas ao Oriente⁹⁵, que foi hóspede na casa do florentino em 1503. Essa

⁸⁹ Pietro Omodeo, “The Authenticity of Amerigo Vespucci’s *Mundus Novus* and Information Untold about His Third Journey”, *Nuncius*, n. 29 (2014), pp. 359–388.

⁹⁰ Caraci, *Alle origini della geografia d’America*.

⁹¹ Luciano Formisano; Carla Masetti, *America sive Mundus Novus. Le lettere a stampa attribuite ad Amerigo Vespucci*, Roma-Genova: Società Geografica Italiana-Brigati, 2007, p. 51, n. 41 e p. 117, n. 90.

⁹² Angelo Maria Bandini, *Vita e lettere di Amerigo Vespucci gentiluomo fiorentino*, Firenze: Nella Stamperia all’insegna di Apollo, 1745.

⁹³ É possível que Del Giocondo e Vespúcio se conhecem desde Florença, visto que seu patrono Lourenço de Pierfrancesco estava, do mesmo modo que a família Del Giocondo, envolvido na produção e comércio da seda. Francesco, irmão de Giuliano, que dirigia o negócio da família em Florença, foi, por sinal, quem comissionou a Leonardo da Vinci o retrato da sua esposa, *monna Lisa*. Giuseppe Pallanti, *La vera identità dalla Gioconda*, Milano: Skira, 2006.

⁹⁴ Conforme esse mesmo afirma eu seu *Diário (Tagebuch)*: “no dia 8 de maio de 1503 cheguei em Lisboa, fui hóspede de Julian Jocunda até setembro” (“adj 8 mayo 1503 kam Ich gen Lixbona, zöret bei Julian Jocunda bis in Septbr^o”). B. Greiff (Hrsg.), *Tagebuch des Lucas Rem aus den Jahren 1494-1541*, Augsburg: Hartmann, 1861, p. 8.

⁹⁵ A partir 1504, sociedades formadas pela associação de banqueiros alemães, como os Fugger e os Welser, e italianos, como os Marchionni e os Affaiati, passavam a equipar navios portugueses para a realização de viagens comerciais à Índia. Caraci. “*Per lasciare di me qualche fama*”, p. 80 e

ligação, como veremos, talvez possa realmente fornecer uma pista importante de como a fonte ou as fontes que deram origem ao texto impresso por Otmar em 1507 possam ter chegado à cidade alemã, mas não é de forma alguma suficiente para provar que Giuliano tenha sido o tradutor mencionado no opúsculo⁹⁶.

Outro grupo de estudiosos sustenta, por sua vez, que o trecho faria referência ao conhecido humanista e arquiteto veronês Giovanni da Verona, dito “fra Giocondo”, que entre 1499 e 1507, viveu em Paris a serviço de Carlos VIII.⁹⁷ Essa tese é muito fortalecida por uma notação contemporânea às primeiras edições da *Mundus Novus*, feita pelo humanista Vautrin Lud, um dos membros do *Gymnase Vosgien*,⁹⁸ na edição do seu *Speculis Orbis Declaratio*, publicado em Estrasburgo em 1507, em que afirma que o “libelo de Vespúcio” havia sido traduzido pelo arquiteto Giocondo da Verona.⁹⁹

Na verdade, sobre essa questão muito pouco se avançou nos últimos cento e cinquenta anos. No presente momento, a única certeza que temos é que, seja quem for esse tradutor, o texto que ele produziu está na base de todas as edições latinas e traduções posteriores feitas da *Mundus Novus*. Nada, ademais, se sabe sobre a composição do suposto original em italiano.

Tal texto, se efetivamente existiu, pode ter sido bem diferente daquele publicado a partir da versão produzida pelo “intérprete Giocondo”, uma vez que o ato de ‘traduzir’, nos albores da época moderna, podia implicar um nível muito mais alto de intervenção no texto do que hoje seria considerado aceitável¹⁰⁰, como fica evidente no caso da tradução feita por Niccolò Scillacio de que tratamos anteriormente.

A única certeza que temos é que a *Mundus Novus* foi acolhida, na época em que foi publicada, como uma carta-notícia dotada de informação fidedigna. Assim atesta a grande fortuna obtida por esse pequeno opúsculo: foram pelo

Jürgen Pohle, *Os mercadores-banqueiros alemães e a Expansão Portuguesa no reinado de D. Manuel I*, Lisboa: CHAM, 2007.

⁹⁶ Na *Carta a Soderini*, de que trataremos a seguir, se menciona que Bartolomeo del Giocondo, teria sido quem foi buscar Vespúcio em Sevilha, para convidá-lo, da parte do Rei de Portugal, a partir de Lisboa em maio de 1501.

⁹⁷ Henry Vignaud, *Americ Vespuce, 1451-1512: sa biographie, sa vie, ses voyages, ses découvertes, l'attribution de son nom à l'Amérique, ses relations authentiques et contestées*, Paris: Ernst Leroux Editeur, 1917, pp. 6-7; Siliberto, *Il Mundus Novus di Amerigo Vespucci*, pp. 287-288.

⁹⁸ Círculo humanista dedicado ao estudo e difusão dos conhecimentos ligados à filosofia natural criado em Saint-Dié-des-Vosges no início do século XVI que foi responsável pela publicação de vários textos de caráter científico nas primeiras décadas dos Quinhentos.

⁹⁹ “in libello Vespuccii per Jocundum veronensem qui apud Venetos architecti munere fungitur ex italico in latinum sermonem verso impressum quod his subiicere libuit.” Na Dedicatória ao Duque René em Vautrin Ludd, *Speculis Orbis Declaratio*, Strassburg: 1507.

¹⁰⁰ Ver Roger Chartier, *Editar e Traduzir: mobilidade e materialidade dos textos (séculos XVI-XVIII)*, São Paulo: Unesp, 2022.

menos doze edições latinas conhecidas, realizadas entre 1504 e 1506 e doze traduções do texto publicadas em alemão e em holandês entre 1505 e 1508.

Apesar da progressiva perda de caráter noticioso característico desse tipo de impresso, a vida editorial da carta-notícia de Vespúcio gozou de maior continuidade em relação a da carta-notícia de Colombo. Aparentemente, isso se deu graças a uma evolução do próprio mercado editorial, que se caracterizou, por um lado, pela intensificação do uso de gravuras e aparatos textuais com o intuito de tornar os opúsculos mais prestigiosos, e conseqüentemente, menos efêmeros, por outro, pela aceleração nos tempos do processo da transformação do relato noticioso em crônica¹⁰¹.

Várias edições latinas e vernáculas fizeram uso de xilogravuras entremeadas ao corpo do texto. Na tradução para a língua holandesa publicada em Antuérpia, por Jan van Doesborch, com o título *Sobre o Novo Mundo ou Paisagem Recentemente Descoberta pelo Ilustre Rei de Portugal Através dos Maiores Pilotos e Peritos Marinheiros do Mundo*¹⁰², as emendas e reelaborações e ajustes são tamanhas que o texto é dividido em capítulos e seu autor transformado em “Alberic, o melhor piloto do mundo”¹⁰³.

Retraduzido para o italiano, o texto seria também incluído no segundo compêndio impresso de viagens ultramarinas produzido na Europa: o *Paesi novamente ritrovati et Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitolato*¹⁰⁴, impressa em Vicenza¹⁰⁵ por Henrico e Zanmaria Vicentino. Essa compilação reuniu e integrou, num único impresso dividido em 142 capítulos e 6 livros, narrativas inéditas, como as de Alvise Cadamosto, os textos já publicados no *Libretto de tutta la navigatione de Re de Spagna de le isole et terreni nuovamente trovati*¹⁰⁶; o escrito atribuído a Vespúcio e outras narrativas, construindo uma

¹⁰¹ Sobre esse processo ver Kleber Clementino, *A narrativa como combate: a escrita da história da Guerra Holandesa no século XVII*, Recife: Editora da UFPE, 2022.

¹⁰² *Van der nieuwer werelt oft landtschap nieuwelicx gheou[n]de[n] va[n]de[n] doorluch tighen con[inc]. va[n] Portugael door de[n] alder beste[n] pyloet ofte zee kender d[er] werelt*, Gheprent Thantwerpen: aen Dyseren waghe. Bi Jan van Doesborch.; 1507?

¹⁰³ No ano seguinte, na obra *Die reyse van Lissebone*, Balthasar Springer transformaria Alberic num personagem de ficção literária, um genérico explorador europeu em viagem para Índia. Balthasar Springer, *Die reyse va[n] Lissebone om te vare[n] na d[at] eyela[n]dt Naguarir in groot Indien gheleghen voor bi Callicuten en[de] Gutschi[n] dair dye stapel is vander specerie[n] daer ons wonderlijcke di[n]ge[n] wed[er]varem zy[n] en[de] dair wy veel ghesie[n] hebbe[n], als hier na ghescreue[n] staet*, Gheprent Thantwerpen: By my Jan van Doesborch. Intiaer M.D.Viii. 1508 i December.

¹⁰⁴ *Paesi novamente ritrovati et novo mondo da Alberico Vesputio Florentio intitolato*, Vicenza: Henrico e Zanmaria Vicentino, 1507. Edição facsimile: *Paesi novamente ritrovati et Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitolato*, Princeton: Princeton University Press, 1916.

¹⁰⁵ Comumente atribuído a Fracanzio Montalboddo, professor de gramática e retórica em Vicenza, entre 1502 e 1505, o volume é dedicado a Giovanni Maria Angiolello, viajante veneziano na Pérsia, conhecido por seu tempo passado a serviço do sultão otomano Mehmed II.

¹⁰⁶ Compilação impressa em Veneza, por Albertino da Lissona, em 1504, que reunia as narrativas das três primeiras viagens de Colombo e das expedições de Pedro Alonzo Niño e Vincente Yáñez Pinzón contidas em um extrato do ainda inédito *De Orbe Novo Decades* do humanista piemontês

grande crônica das viagens ultramarinas feitas pelos reinos ibéricos entre 1454 e 1502¹⁰⁷.

Apesar desse grande êxito editorial, não foi somente graças a *Mundus Novus* que Vespúcio veria, ainda em vida, o seu nome dado ao continente cuja existência ele tinha revelado à Europa. Essa designação está igualmente ligada a outro escrito atribuído a Vespúcio: a dita *Carta a Soderini*, publicada em Florença, sem referência ao seu destinatário, em 1505, sob o título de *Lettera di Amerigo vespucci delle isole nuouamente trouate in quattro suoi viaggi*¹⁰⁸.

Traduzida para o latim, sob o nome *Quatuor Americi Vesputii navigationes*, esse texto foi incorporado à *Cosmographiae Introductio*, um pequeno volume produzido por Matthias Ringmann, Martin Waldseemüller e Jean Basin, do, já mencionado, Gymnase Vosgien, para servir de introdução à obra de Ptolomeu “unindo as terras conhecidas pelos antigos com aquelas descobertas pelos modernos”. Publicado em Saint-Dié-des-Vosges, em 1507, esse livrinho de 150 páginas, composto por essa “Introdução” propriamente dita e pela versão latina do texto da *Carta*, era acompanhado por um *Mapa-mundi* composto por 12 xilografuras, representando os três continentes conhecidos por Ptolomeu (Europa, Ásia e África) mais o continente vespuciano, o “Novo Mundo”, que aqui, pela primeira vez era denominado “America”¹⁰⁹, “isto é, a terra de Américo” conforme explicação dada pelos autores no corpo do volume (f. av v)¹¹⁰.

A ampla circulação dos opúsculos da *Mundus Novus* e da *Cosmographiae Introductio* nos ambientes humanísticos europeus e a grande difusão da denominação “América” nos tratados geográficos e nos mapas impressos nos anos sucessivos à sua publicação serão cruciais para a construção da fama de Vespúcio nos anos imediatamente anteriores à sua morte. Nesse período, Vespúcio voltara a estar a serviço do rei de Espanha, trabalhando estavelmente

Pietro Martire d’Anghiera. Esse material corresponde ao conteúdo dos livros I-VI da primeira das oito “décadas” da obra de Anghiera que havia sido traduzido por Angelo Trevisan secretário de Domenico Pisano, embaixador de Veneza em Portugal e Espanha e enviadas, por meio de quatro cartas, para Giovanni Malipiero, amigo e patrono de Trevisan, em 1501. Inaugurando um novo gênero literário, este livrinho certamente serviu de modelo direto de inspiração para a preparação do *Paesi novamente ritrovati*.

¹⁰⁷ Destinado a grande fortuna editorial, este compêndio foi traduzido para o latim sob o título de *Itinerarium Portugallensium e Lusitania in Indiam et inde in occidentem et demum ad aquilonem* e publicado por Johannes Angelus Scinzenzeler, em Milão, em 1508.

¹⁰⁸ São conhecidas três cópia manuscritas da *Carta a Soderini*, uma delas no Codice Vagliente (Riccardiano 1910). Formisano, *Iddio*, pp. 163-79.

¹⁰⁹ Tratava-se apenas da parte meridional do continente americano como o entendemos hoje.

¹¹⁰ “Nunc vero et hae partes sunt latius lustratae, et alia quarta pars per Americum Vesputium (ut in sequentibus audietur) inventa est, quam non video cur quis iure vetet ab Americo inventore sagacis ingenij viro Amerigen quasi Americi terram, sive Americam dicendam: cum et Europa et Asia a mulieribus sua sortita sint nomina. Eius situm et gentis mores ex bis binis Americi navigationibus quae sequuntur liquide intelligi datur.”

na *Casa de la Contratación* em Sevilha e participando da *Junta de Burgos* com Yáñez Pinzón, Juan de la Cosa e Díaz de Solís, em 1507.

Em 1508, tendo reconhecido seus conhecimentos de cosmógrafo, foi nomeado *piloto mayor* com a missão de avaliar os conhecimentos dos pilotos das naveas reais, assim como de elaborar e atualizar o *Padrón Real*, mapa oficial da coroa, análogo ao *Padrão Real* que então existia em Portugal, com todas as informações náuticas e geográficas relativas aos domínios espanhóis no Ultramar¹¹¹. Vespúcio tinha, então, uma posição prestigiosa, vivia uma vida abastada e em constante contato com os protagonistas das viagens ultramarinas espanholas, dentre os quais os próprios herdeiros de Colombo.

Não sabemos o quanto ele possa ter se beneficiado do sucesso editorial dos escritos a ele atribuídos, não sabemos nem mesmo o quanto ele sabia sobre eles e o que deles pensava. Creio, porém, que podemos afirmar que, em fevereiro de 1512, quando ele morreu, por consequência do avançar da malária que contraía na viagem de 1499, ele não poderia imaginar que a mesma obra que tinha dado mais fama ao seu nome render-lhe-ia, na posteridade, a fama de desonesto.

Vespúcio, um embusteiro?

A história é bem conhecida: com o objetivo de defender os méritos de Colombo e favorecer seus herdeiros, num momento em estes estavam empenhados em garantir juridicamente, através dos denominados “*pleitos colombinos*”, os direitos e privilégios adquiridos em 1492, Bartolomé de las Casas acusa Vespúcio de ser “falso” e “iníquo” por ter-se atribuído “tacitamente, a descoberta da terra firme, usurpando ao Almirante a glória que lhe era devida”¹¹².

Com base nessa constatação e graças à circulação manuscrita da *Historia de las Indias*¹¹³ de Las Casas nos ambientes da corte espanhola, Vespúcio passa a ser considerado pelos historiadores hispânicos da primeira metade do século XVII, de Antonio Herrera y Tordesillas a Pedro Simon, Antonio de León Pinelo e Juan Solorzano Pereira, um personagem desonesto e, por consequência, indigno de ter seu nome atribuído ao novo continente.¹¹⁴

Antonio de la Calancha, preocupado com a justa restituição a Colombo, chega a propor que o novo continente poderia ser chamado “Colunbania”,

¹¹¹ Caraci, “*Per lasciare di me qualche fama*”, pp. 200-203.

¹¹² Bartolomé de las Casas. *Historia de las Indias apud* Thomaz Oscar Marcondes de Souza, Amerigo Vespucci e suas viagens, São Paulo: 1949, p. 23.

¹¹³ Publicada pela primeira vez só em 1875.

¹¹⁴ Para o debate sobre as possíveis denominações do continente americano ver Andréa Doré, *Cartografia da promessa. Potosí e o Brasil em um continente chamado Peruana*, São Paulo: Intermeios, 2020.

“nome de seu legítimo descobridor”¹¹⁵. Considerando que nem Colombo nem Vespúcio tinham conhecido as terras do Peru e o mar do Sul, propunha, enfim, a adoção do nome “Novo Mundo” como haviam feito os geógrafos Abraham Ortelius, Gerardus Mercator e Rodrigo Zamorano, parecendo ignorar completamente que a expressão havia sido justamente cunhada pela carta atribuída a Vespúcio.

A má fama do florentino parece se reverberar fora da Espanha somente na segunda metade do século XVIII, justamente quando Angelo Maria Bandini¹¹⁶ e Francisco Bartolozzi¹¹⁷ traziam à luz as até então desconhecidas “cartas familiares” de Vespúcio. Foi nesse período que William Robertson, no seu *The History of America*¹¹⁸, chamou Vespúcio de “um feliz impostor” e Girolamo Tiraboschi, em sua *Historia della Letteratura italiana*, protestou contra os elogios feitos por Bandini a Vespúcio, fazendo repercutir na Itália os argumentos de Las Casas. Somente no final século XIX que surgiram os primeiros defensores de autenticidade do relato contido na *Carta a Soderini*.

O primeiro deles foi o padre florentino, Stalisnao Canovai, que em seu *Elogio d'Amerigo Vespucci*¹¹⁹, afirmou, pela primeira vez, que Vespúcio tinha realmente aportado em terra firme antes de Colombo. Sua tese temerária não só gerou uma longa polêmica com Bartolozzi¹²⁰ e Napione¹²¹, mas também modificou para sempre os termos do debate da chamada “questão vespuciana”.

A partir de então, a preocupação dos estudiosos passou a ser buscar determinar o número das viagens transoceânicas realizadas pelo florentino e os itinerários por ele percorrido, através da análise dos testemunhos, todos de segunda ordem, então conhecidos. Os críticos ao texto da *Quatuor navigationes*, continuaram a existir nos séculos sucessivos – dentre eles podemos colocar Martín Fernández Navarrete, o Visconde de Santarém, Sydney Howard Gay e Clements R. Markham –, todavia, pelo menos até meados do século XX, Canovai encontraria seguidores: Francisco Adolfo de Varnhagen, John Fiske, Henry Vignaud, e Roberto Levillier defenderam com afinco a veracidade do relato publicado na *Cosmographiae Introductio*, a ponto de, para isso, colocar em questão a autenticidade das “cartas familiares” conservadas em cópias manuscritas.

¹¹⁵ Antonio de la Calancha, *Coronica moralizada del Orden de San Augustin en el Peru con sucesos egenplares en esta Monarquía*, En Barcelona: por Pedro Lacavalleria, 1638.

¹¹⁶ Bandini, *Vita e lettere di Amerigo Vespucci*.

¹¹⁷ Francesco Bartolozzi, *Ricerche storico-critiche circa alle scoperte d'Amerigo Vespucci con l'aggiunta di una relazione del medesimo fin ora inedita compilata da F. Bartolozzi*, Firenze: per Gaetano Cambiagi, 1789, pp. 168-180.

¹¹⁸ William Robertson, *The History of América*, Vienna: F.A. Schraembl, 1787.

¹¹⁹ Stalisnao Canovai, *Elogio d'Amerigo Vespucci*, Firenze: Piero Allegrini, 1788.

¹²⁰ Bartolozzi, *Ricerche storico-critiche*.

¹²¹ Gianfrancesco Galeani Napione, *Esame critico del primo viaggio di Amerigo Vespucci al Nuovo mondo*, Firenze: Molini, Landi e compagno, 1811.

Entre essas posições antagônicas, Alexander von Humboldt, que dedicou a Vespúcio os últimos dois volumes do seu *Examen critique de l'histoire de la géographie du Nouveau Continent*¹²², estabelece uma nova leitura do *corpus* de fontes vespucianas, em que apesar de negar que este tivesse realizado a viagem de 1497, atribui a erros de redação, transcrição e impressão as contradições que deram origem às opiniões hostis ao cosmógrafo e navegador florentino. Na sua esteira, Manning Ferguson Force afirmaria no Congresso de Americanistas realizado em Bruxelas em 1879 que as cartas impressas continham tantos absurdos que não podiam ter sido escritas por Vespúcio e em 1916, George Tyler Northup faz um estudo filológico sobre a *Carta a Soderini*¹²³ e conclui que esta não poderia ter sido escrita por Vespúcio.

Delineavam-se, assim, os caminhos depois consolidados por Gustavo Uzielli e Alberto Magnaghi, os quais defenderam ardorosamente a autenticidade das “cartas familiares” e passaram a considerar a *Mundus Novus* e a *Carta a Soderini* como textos apócrifos, *pseudo-vespucianos*. Desta forma, as incongruências e as inverdades contidas nesses impressos podiam ser debitadas a outrem e a imagem de Vespúcio como narrador fidedigno poderia ser resgatada. Mais recentemente, entretanto, autores como Luciano Formisano e Ilaria Caraci, passaram a admitir a possibilidade de participação ou a anuência de Vespúcio no processo de elaboração dos textos que se encontrariam na origem dos dois impressos.

Caraci sustenta que a *Mundus Novus* se trata de uma reelaboração de um escrito familiar, o mesmo na base da terceira carta familiar que hoje conhecemos, realizada no contexto dos ambientes mercantis lisboetas e a partir dali difundida nas redes de informações formadas graças a associação entre italianos e alemães que ligavam Portugal às cidades da Europa central¹²⁴.

Já as inexactidões contidas na *Carta a Soderini* e suas insanáveis incongruências com as “cartas familiares”, reforçam a percepção de que sua composição tenha sido realizada por meio do cruzamento de escritos vespucianos com escritos colombinos. Uma operação editorial que Magnaghi acreditava ter sido realizada em Florença, onde o opúsculo foi originalmente impresso, mas que o grande número de iberismos contidos no texto desloca, mais uma vez, o contexto de produção do material-base do opúsculo para a Península Ibérica.

¹²²Alexander von Humboldt, *Examen critique de l'histoire de la géographie du Nouveau continent et des progrès de l'astronomie nautique aux XVe et XVIe siècles (Tome IV)*, Paris: Théodore Morgand, Editeur, 1838.

¹²³ George Tyler Northup (ed.), *Amerigo Vespucci letter to Piero Soderini, Gonfaloniere: the year 1504*, Princeton: Princeton University Press, 1916.

¹²⁴ Ver acima, nota 95.

Na verdade, o problema da primeira viagem vespuciana, que está na origem de toda polêmica aberta por Las Casas, continua sem solução. A inexistência de fontes que comprovem essa expedição, somada à percepção de que o relato dessa viagem tenha sido construído a partir de uma reelaboração da primeira das cartas familiares, parece fortalecer a tese de que *Carta a Soderini* tenha sido construída com o intuito de celebrar a figura de Vespúcio, transformando-o no grande protagonista das descobertas geográficas realizadas naqueles anos pelas coroas ibéricas.

Para tanto, seu autor/editor recorre à criação de paralelo fictício entre as suas viagens e as quatro viagens de Colombo que naqueles anos passavam a ser bem conhecidas na Itália, graças à publicação do *Libretto de tutta la navigazione de' re de Spagna*¹²⁵, que continha o relato das primeiras três viagens de Colombo, e da *Lettera rarissima*¹²⁶, impressa em Veneza em 1505, que vertia para o italiano a carta enviada por Colombo para os Reis Católicos, em 1503, relatando a sua quarta expedição transatlântica.

Ainda resta, porém, esclarecer quem foram os atores responsáveis pelos processos de transmissão textual desses escritos e a quem poderia se beneficiar de tais operações editoriais. Tais questões, o estudo crítico das fontes vespucianas hoje conhecidas, por si só, não é capaz de esclarecer. Entretanto, a tese de Caraci de que a primeira edição da *Mundus Novus* tenha tido lugar em Augusta e não em Paris abre caminho para pensar sua publicação como fruto dos interesses político-comerciais do imperador Maximiliano I e dos banqueiros e mercadores alemães envolvidos nas expedições comerciais portuguesas para o Oriente.

Foi precisamente nos primeiros anos do século XVI que as grandes casas comerciais alemãs de Augusta e Nuremberg fundaram uma feitoria alemã em Lisboa, como o intuito de adquirir as cobiçadas mercadorias orientais que antes eles adquiriam no *Fondaco dei Tedeschi*, em Veneza. Entre 1505 e 1506, os Welser-Vöhlín, os Fugger, os Höchstetter e Gossembrot, de Augusta, e os Imhoff e os Hirschvogel, de Nuremberg, participaram ativamente da armação das frotas portuguesas que partiram em direção à Índia. Além disso, casas comerciais da Augusta, os Rehlinger, os Herwart e os Rem, também estavam envolvidos no comércio de produtos provenientes de Portugal e distribuição na Europa setentrional¹²⁷.

¹²⁵ Ver acima, nota 106.

¹²⁶ *Copia de la lettera per Colimbo mandata a li serenissimi Re et Regina di Spagna de le Insule et luoghi per lui trovati*, Venetia: per Simone de Louere, a di 7 di Marzo 1505. Em 1810 é publicada com o nome de *Lettera rarissima* pelo abade Morelli: Jacopo Morelli, *Lettera rarissima di Cristoforo Colombo riprodotta ed illustrata*, Bassano: nella stamperia remondiniana, 1810.

¹²⁷ Jürgen Pohle, *O imperador Maximiliano I, a alta finança alemã e os Descobrimentos Portugueses*, Berlin: Peter Lang, 2019, p. 95.

As edições de Augusta (1); Rostok (4), Nuremberg (5), Colônia (6), Estrasburgo (8) e Antuérpia (9) talvez possam ser todas pensadas nessa chave, mas apesar do grande avanço que os estudos sobre as relações entre Portugal e Império tiveram nos últimos anos ainda faltam muitas peças para a reconstrução desse quebra-cabeça. Já as edições de Veneza (3), Roma (7) e Paris (2, 10, 11, 12) precisam, evidentemente, ser pensadas sob outro prisma. Para tanto, a reflexão historiográfica sobre os panfletos noticiosos precisa, porém, superar uma visão de autoria de matriz romântica entendida como produção individual/literária e passar a compreender a autoria dos textos a partir das práticas comunicacionais e editoriais do período em que estão sendo produzidos.

Considerações finais

Numa cultura em que, como vimos, as emendas, os rearranjos e as interpolações são correntemente adotados por patronos, tradutores e editores, a reconstrução de um texto passa sempre pela reconstrução extratextual (nem sempre possível) dos processos de interlocução entre vários sujeitos. Por essa razão, nos albores do período moderno, os limites entre autoria e apocrifia são muito mais lábeis e a construção da grande maioria dos textos deve ser pensada como um processo colaborativo.

Neste sentido, o caso dos opúsculos de caráter noticioso é o mais paradigmático: gênero literário novo, que surgiu no fim da Idade Média, quando relatos originalmente escritos para serem transmitidos no contexto de uma relação diádica – cartas com informações de caráter, inicialmente, privado ou secreto (mesmo quando destinado a pessoas públicas) – passam a circular, fora do contexto comunicacional inicial devido ao interesse em divulgar o conteúdo informacional neles contidos, a notícia é um texto que se constitui sempre por meio de uma ou mais interlocuções. Por esta razão, a relação entre autor e o editor e ou impressor da primeira edição desse tipo de escrito¹²⁸ é muito mais lábil do que a de outras tipologias textuais.

Hoje sabemos que o autor não é o único responsável pela construção de um texto, não importa a sua natureza, pois também participam do processo de sua elaboração, o editor, o tipógrafo e, eventualmente, o censor e o tradutor. No caso, da notícia, porém, também participam desse processo, aquele que recebe a notícia e aquele a divulga. Divulgação que pode passar rapidamente da forma manuscrita para a impressa ou que pode ter muitas etapas de transmissão

¹²⁸ As demais edições, como vimos, são sempre preparadas a partir do texto fixado por alguma impressão anterior.

manuscrita, e de consequente reelaboração, antes de chegar nas mãos do impressor.

Talvez, justamente por isso, a grande maioria das notícias publicadas em folhetos ou panfletos ocasionais¹²⁹ impressas na Europa entre o final do século XV e o início do século XVI fossem anônimas. Nos parece, então, que a produção de “falsos de autor”, como os aqui analisados, precisa ser pensada na chave da tradição retórica greco-romana em que se formavam os homens de letras daquela época, em que o testemunho ocular era considerado a forma mais confiável de narrativa¹³⁰. Diante disso, a menção à autoria em uma notícia impressa torna-se, antes de nada, um elemento de legitimação discursiva¹³¹.

¹²⁹ O termo “ocasional” é aqui utilizado em oposição a “periódico”, utilizado pela historiografia para designar os folhetos dos mercúrios e das gazetas que a partir do final do século XVI passam a ser publicados na Europa com alguma periodicidade.

¹³⁰ Ver Arnaldo Momigliano, *Raízes clássicas da historiografia moderna*, São Paulo: Edusp, 2004; Carlo Ginzburg, *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹³¹ Sobre a questão de atribuição de *fides historica* às notícias Ver Marion Pouspin, “L’information et la fiction dans les occasionnels gothiques (France, première moitié du XVI^e siècle)” in Jean-Claude Arnould e Silvia Liebel (dir.), *Canards, occasionnels, éphémères. “Information” et infralittérature en France à l’aube des temps modernes. Actes du colloque du CÉRÉdI (Université de Rouen, 19-21 septembre 2018)*. Disponível em <http://p-ublisshs.univ-rouen.fr/ceredi/index.php?id=691>.

Artigo recebido em 18-12-2023. Aceito para publicação em 27-01-2024.

Citação: Marília de Azambuja Ribeiro Machel, “Autoria e apocrifia nos albores da época moderna: o caso das primeiras notícias impressas sobre o Novo Mundo”, *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 41, n. 2 (2023), pp. 107-137.

Contato da autora: marilia.machel@ufpe.br.